



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 04/01/19

BRASIL	2
Pocas operaciones y leve ajuste negativo en los precios	2
2018: Exportaciones récords de carnes bovinas.....	2
Toda la carne vacuna producida en Mato Grosso del Sur podrá ingresar a Chile	2
Tereza Cristina asume como Ministra de Agricultura.....	3
Modifican sistema de inspección veterinaria en frigoríficos	3
URUGUAY	4
Exportaciones de carne vacuna en 2018 son las más altas en 12 años	4
Protocolo sanitario con China deja afuera la exportación de lengua y quijada.....	4
Regresarían 27 contenedores.....	5
Uruguay queda sin su mayor mercado para ganado en pie: TURQUÍA	5
Desde Brasil confirman freno en las compras de ganado en pie de Turquía.....	6
Industria impulsa negocios de engorde para ganados enteros.....	6
Cuota 481 se mantiene.....	7
China: carne uruguaya copó Internet	7
Récord histórico de importaciones de carne en 2018	8
Mayor apuesta de las empresas uruguayas en feria Foodex 2019	8
PARAGUAY	9
Sector cárnico quiere crecer hacia nuevos mercados de exportación.....	9
UNIÓN EUROPEA	10
Se demoran negociaciones entre EEUU - UE y se extiende periodo sin cambios para la 481	10
Autorizan a Francia a extender hasta marzo de 2020 la información en el etiquetado de los platos preparados sobre el origen de la carne que contienen	10
ESTADOS UNIDOS	10
Balance de 2018 y perspectivas.....	10
Preven precios y rentabilidad de la ganadería en 2019	11
Marco internacional: acuerdos y futuros desafíos	12
CHINA: pese a que está prohibido, existe carne de origen japonés en el mercado	12
EMPRESARIAS	13
Marfríg concluyó el proceso de compra de la argentina Quickfood	13



BRASIL

Pocas operaciones y leve ajuste negativo en los precios

Sexta-feira, 4 de janeiro de 2019 Pecuaristas e frigoríficos ainda estão sentindo o mercado em busca do melhor posicionamento tanto para compras como para vendas.

O que chama a atenção é que devido ao menor volume de negócios, muitos frigoríficos aproveitam para testar preços abaixo das referências, na estratégia do “se colar, colou”.

Nas regiões onde essa estratégia foi vista com maior intensidade, houve pressão de baixa nas cotações e, no levantamento da última quinta-feira (3/1) foram registradas desvalorizações para a arroba do boi gordo em onze praças pecuárias.

No mercado atacadista de carne bovina com osso, a carcaça de bovinos castrados fechou cotada em R\$10,29/kg, queda de 0,3% frente ao levantamento anterior.

Embora o ajuste negativo seja pequeno, sinaliza a tentativa dos compradores de pressionar negativamente as cotações. Vale lembrar que sazonalmente em janeiro a venda da carne é menor em função da descapitalização e compromissos financeiros da população.

2018: Exportaciones récords de carnes bovinas

Sexta-feira, 28 de dezembro de 2018 A exportação de carne bovina bateu recordes seguidos em 2018. Os bons desempenhos em função principalmente do câmbio ao longo do segundo semestre fizeram com que as exportações de carne bovina in natura tivessem o melhor desempenho da história.

Os dados da última quinzena de dezembro ainda não foram divulgados, mas se o ritmo dos embarques continuarem é possível que o Brasil termine 2018 com 1,35 milhão de toneladas de carne bovina in natura vendidas para o exterior (MDIC).

Esta quantidade é 11,8% maior que volume embarcado em 2017 e 5,2% maior que o recorde anterior de 2007, quando foram comercializadas 1,28 milhão de toneladas.

Quanto ao faturamento, de janeiro a novembro de 2018, as vendas resultaram em uma receita de US\$5,1 bilhões (MDIC), valores 10,6% superiores aos ganhos em 2017.

A China se mantém como grande responsável pelo bom desempenho da carne bovina brasileira no mercado externo. Do total vendido no acumulado de 2018 (janeiro a novembro), os chineses absorveram 24,0% do volume, seguido de Hong Kong (20,8%), Egito (12,9%), Chile (8,4%) e Irã (6,4%).

Esses cinco importadores abocanham uma fatia de 72,5% do total embarcado, sinal de alerta quanto à concentração de clientes.

Aqui mostra-se a importância de sempre buscar ampliar o acesso a outros mercados para fugir do risco que envolve a dependência de poucas economias, principalmente em um cenário internacional onde as guerras comerciais estão debaixo dos holofotes (Estados Unidos versus China).

Inclusive, após uma maratona de visitas diplomáticas e auditorias, o Brasil voltou a ter acesso ao mercado russo, que estava embargado desde o final de 2017.

A importância desta notícia se deve ao fato de que de 2004 a 2017, ou seja, ao longo de catorze anos, a Rússia ficou dentre os cinco maiores importadores da carne bovina brasileira, figurando por onze vezes como o maior país importador da carne bovina brasileira, ou seja, o potencial deste “novo” destino é grande.

Toda la carne vacuna producida en Mato Grosso del Sur podrá ingresar a Chile

03/01/2019 – Lo anunció el Servicio Agrícola y Ganadero de Chile (SAG), después de una misión sanitaria oficial realizada en agosto del 2018.

Chile abrió su mercado a la totalidad de la carne vacuna fresca y congelada producida en Mato Grosso del Sur, según comunicó a Brasil el Servicio Agrícola y Ganadero de Chile (SAG). Cuando las autoridades sanitarias de Chile habilitaron en 2010 al estado de Brasil para exportar carne vacuna fresca, excluyeron a más de 10 municipios porque formaban parte de la antigua Zona de Alta Vigilancia (ZAV) implantada en 2008, en función de los focos de fiebre aftosa que se registraron en la región en 2005 y 2006.

Una misión veterinaria chilena evaluó en agosto de 2018 el servicio veterinario oficial brasileño y buscó informaciones sobre la vigilancia para la fiebre aftosa. El informe resultó favorable y garantizó la apertura total del mercado para Mato Grosso del sur.

La directora sustituta del Departamento de Salud Animal del Ministerio de Agricultura, Pecuaria y Abastecimiento (MAPA), Judi da Nóbrega, dijo que a partir de ahora “se acabaron los impedimentos a la exportación de carne vacuna fresca de esa área, además de todas las demás restricciones para el movimiento de los animales, animales susceptibles a la aftosa de esa zona a otras partes del país. La



nueva condición debe valorar los animales de la región e impulsar su comercio, favoreciendo a la ganadería regional”.

Tereza Cristina assume como Ministra de Agricultura

Publicado: 02/01/2019 A ministra disse que um só ministério olhará para todos os produtores e que o país tem modelo ambiental a ser seguido

A ministra Tereza Cristina deu posse nesta quarta-feira (2) aos secretários do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), destacando o retorno da agricultura familiar e da pesca para a pasta. Durante seu pronunciamento, enfatizou que “um só ministério olhará com igual destaque para todos os produtores”.

“A agricultura familiar terá integral apoio de nossas áreas de inovação, pesquisa, assistência técnica e extensão”, afirmou, destacando “a urgente necessidade de realizarmos titulações de terras, pois o cenário atual implica absoluta insegurança jurídica e impede acesso aos recursos de crédito, inviabilizando a produção e determinando subordinação aos programas sociais”.

Sobre a pesca e aquicultura, a ministra lembrou que o país tem cerca de 8.000 km de costa marítima e cerca de 12% de toda água doce do planeta e que “teremos obrigação de aplicar todo este potencial em favor da produção de alimentos gerando emprego e renda”.

Observou que “o setor agropecuário apoiou em peso a candidatura do presidente Bolsonaro” e que “é natural, portanto, haver grande expectativa de importantes avanços nesta área”.

Destacou a importância dos servidores do Mapa e “desafios da transformação digital e de outras novas tecnologias” que devem estar presentes nas atividades internas da casa. A relação que já mantinha com o ministério, segundo a ministra, lhe permitiu testemunhar “muito comprometimento e amor dos competentes quadros desta casa”.

Preservação

Em relação ao meio ambiente, lamentou que “acusações absolutamente infundadas partem de todos os lados, inclusive de organizações internacionais estabelecidas amistosamente em nosso país”. E que “a discussão honesta deveria partir de uma premissa básica: o Brasil é um país com legislação ambiental extremamente avançada e que mais soube preservar suas florestas nativas e matas ciliares. Nosso país é um modelo a ser seguido; jamais um transgressor a ser recriminado”.

Argumentou serem “relevantes as questões relacionadas ao clima, à sustentabilidade e à biodiversidade”. Ressaltou que são 466 milhões de hectares registrados no Cadastro Ambiental Rural (CAR) “uma base espetacular que permite o monitoramento e o eventual combate ao desmatamento em 5,4 milhões de propriedades rurais”.

Sobre a disputa no mercado internacional, afirmou que “o agronegócio brasileiro estará a postos para negociar com o mundo nas áreas da propriedade intelectual, das indicações geográficas, dos recursos genéticos, da rotulagem, do bem-estar animal, da produção orgânica e das questões trabalhistas e sociais”.

E que o país, “na condição de segundo maior exportador de alimentos do mundo, tem as maiores perspectivas de expansão”. Falou ainda em superar barreiras internacionais “por vezes impostas através de critérios tarifários ou sanitários duvidosos”;

Novos secretários

Tereza Cristina deu posse nas secretarias de Política Agrícola ao servidor do Mapa, Eduardo Sampaio Marques; de Defesa Agropecuária, José Guilherme Tollstadius Leal, de Aquicultura e Pesca, Jorge Seif Júnior; de Agricultura Familiar e Cooperativismo, Fernando Henrique Kohlmann Schwanke; de Comércio e Relações Internacionais do Agronegócio, o embaixador Orlando Leite Ribeiro e: Secretaria Especial de Assuntos Fundiários, Nabhan Garcia. O secretário executivo, Marcos Montes, deputado federal, assinou o termo de posse mas vai assumir o cargo efetivamente quando encerrar seu mandato na Câmara Federal, em 1º de fevereiro. A nova Secretaria de Inovação, Desenvolvimento Rural e Irrigação ainda não tem titular nomeado.

Estiveram presentes os ministros da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, e da Cidadania, Osmar Terra, além do ministro do Superior Tribunal de Justiça, Antonio Herman de Vasconcelos Benjamin. Também estiveram na cerimônia, o ex-presidente da Petrobras, Pedro Parente, o presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), deputado Alceu Moreira, representante da FAO no país, Rafael Zavala, o diretor do Agronegócio do Banco do Brasil, Marco Túlio, presidentes de empresas vinculadas ao Mapa, além de deputados, senadores e representantes do setor privado, como presidente da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), Marcio Freitas.

Modifican sistema de inspección veterinaria en frigoríficos

28/12/2018 En el Diario Oficial de Brasil ha publicado el Decreto 9.621, modificando el artículo 73 del Reglamento de Inspección Industrial y Sanitaria de Productos de Origen Animal (Riispoa), siguiendo un modelo similar al utilizado por la Unión Europea, informa el Ministerio de Agricultura de este país.



Por el Decreto, cerca de 13.000 funcionarios que trabajan en las líneas de producción de los frigoríficos auxiliando la inspección, no serán más pagados por las empresas. A partir de la reglamentación del decreto, la contratación de esos funcionarios será hecha por medio de una empresa acreditada ante el Ministerio de Agricultura, Pecuaria y Alimentación (Mapa). El Decreto modifica la norma que vigía durante más de 100 años de inspección.

Ahora, falta la reglamentación del decreto, estableciendo los medios de acreditación de las empresas, lo que permitirá que el Mapa pueda describir que no están prestando los servicios de forma apropiada.

Además del cambio en la forma de contratación, el Mapa viene elaborando junto con la Embrapa nuevos cambios para auxiliar la inspección, con la implantación de cámaras que evalúan aspectos como coloración y forma de la canal, trabajo hoy hecho sólo por esos auxiliares de la inspección de forma manual. Las canales que presentan alteraciones son descartadas. El sistema promoverá un método más eficiente y seguro para ayudar a los veterinarios oficiales en el sistema de inspección de carnes.

URUGUAY

Exportaciones de carne vacuna en 2018 son las más altas en 12 años

03 de enero de 2019

Las exportaciones de carne vacuna de Uruguay llevan cinco años consecutivos de aumento y se consolidaron como las más altas desde 2006. En 2018 totalizaron 326.104 toneladas peso embarque, 20.000 más o 6,5% que las 305.997 toneladas del año anterior.

China se mantiene, como en los últimos seis años, como el principal comprador. Las ventas al gigante asiático crecen por octavo año consecutivo y alcanza la mayoría absoluta, una participación del 56% del volumen total por primera vez en la historia. El cierre de Hongo Kong y la fiebre porcina en China son los dos factores que incrementan la demanda y benefician las exportaciones de Uruguay. En 2018 Uruguay exportó a China 184.786 toneladas peso embarque, un incremento de 15% respecto a las 159.640 toneladas del 2017.

En segundo lugar se encuentra Estados Unidos, con compras de 35.454 toneladas, 153 toneladas menos que el año anterior. Rusia fue el país que más incrementó su participación, compró 9.000 toneladas más de carne vacuna que en 2017 hasta alcanzar las 15.043 toneladas.

Del total exportado en 2018, el 78,7% corresponde a carne congelada con y el restante 21,3% a carne enfriada.

Protocolo sanitario con China deja afuera la exportación de lengua y quijada

26/12/2018 El MGAP realiza gestiones para lograr una prórroga de 90 días.

La actualización del protocolo sanitario firmado con China comenzó a generar dificultades a las industrias frigoríficas que en las últimas horas se vieron sorprendidos con que las lenguas y las quijadas no podrían ingresar al país asiático.

La comunicación llegó el pasado jueves cuando no se permitió el ingreso del producto al puerto, y eso desató preocupación en los exportadores, porque actualmente hay contenedores con estas menudencias que están en viaje a China y otros próximos a salir.

Redireccionar el producto parecería difícil, porque según informaron dos industriales a Rurales El País, no hay muchos mercados alternativos, y con los posibles existe un diferencial significativo de precio que no favorece al negocio. Con esta problemática entienden que podría existir una desvalorización equivalente del animal de US\$ 3,50 por cabeza.

Desde el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) confirmaron la noticia a Rurales El País y señalaron que desde el pasado 20 de diciembre no se están otorgando certificados para exportar lenguas y quijadas a China. Además, dijeron que el embajador uruguayo en el país asiático, Fernando Lugris, está realizando las gestiones necesarias para llevar adelante una reunión con el Ministro de Aduanas de China y lograr una prórroga de 90 días para que ingresen los productos.

Rafael Tardáguila, director de Tardáguila Agromercados, dijo a Rurales El País que Uruguay ha exportado entre enero y noviembre de este año unas 70 mil toneladas de menudencias a todos los mercados, donde más de 2 mil toneladas fueron lenguas y un poco menos de 2 mil toneladas de quijadas. En ambos productos China se consolida como el principal destino.

El analista de mercados explicó que China importó 1.155 toneladas de lengua y Rusia, el segundo mayor mercado, unas 900 toneladas. Sin embargo, dijo que el diferencial está en el precio: China pagó por la lengua US\$ 5.200 por tonelada en promedio, los últimos negocios se habían cerrado a US\$ 7.000 la tonelada; mientras que Rusia pagó cerca de US\$ 4.600 por tonelada.



Regresarían 27 contenedores

03/01/2019 - Aseguran que tendrán pérdidas económicas y comerciales por la no notificación de los cambios en el nuevo protocolo sanitario firmado con China, que prohíbe el ingreso de carne de cabeza, carne de quijada, lenguas y labio.

La Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay (ADIFU) y la Cámara de la Industria Frigorífica (CIF) emitieron un comunicado donde manifiestan su preocupación por la “sorpresa” prohibición de China, firmado en el protocolo sanitario, para la colocación de lenguas, carne de quijada, carne de cabeza y labios.

Aseguran que “el hecho, con consecuencias económicas y comerciales en el futuro, ha resultado doblemente perjudicial para las plantas exportadoras dado que siguieron embarcando los mencionados productos, con certificaciones sanitarias emitidas por las autoridades competentes hasta el 20 de diciembre del 2018”.

Como resultado, explican que “de los 43 contenedores embarcados entre el 3/12/18 al 20/12/18, conteniendo alguno de esos productos, deberán retornar 27 de ellos con sus costos asociados, además del incumplimiento comercial frente a los importadores”.

Por último, las gremiales de la industria frigorífica solicitan a las autoridades que “en el futuro, previa y preceptivamente a la firma de acuerdos comerciales que puedan afectar a la economía de las empresas privadas, se conozcan los aspectos relevantes de los mismos así como las fechas de vigencia de las diferentes condiciones.

Uruguay queda sin su mayor mercado para ganado en pie: TURQUÍA

25/12/2018 - Turquía cerró las importaciones por tiempo indefinido.

Uruguay se quedó sin su principal mercado para exportar ganado en pie y aún no se sabe por cuánto tiempo. “Turquía cierra la importación de ganado en pie por tiempo indefinido”, escribió en la víspera de Navidad en su cuenta de Twitter el presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie y director de la empresa Escoltix, Rodrigo González.

“El plazo aun es indefinido. Hablan de entre cinco meses y un año. Pero Nada oficial aún”, agregó González. El plazo último para llegar con embarques de ganado a Turquía es el 12 de febrero.

La suspensión de las importaciones por parte de Turquía abarca a todos los orígenes. Según publicó Monitor Agrícola en base a operadores, la suspensión es para “limpiar” la sobreoferta de ganado gordo sin faena que existe actualmente en Turquía.

Para tener una idea de lo que implica el mercado turco, en noviembre Uruguay exportó 27.968 vacunos en pie, de acuerdo con cifras del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca que analizó Tardáguila Agromercados. De esa cifra, 22.977 vacunos (82,1% del total) fueron a Turquía. El segundo destino en importancia fue Egipto con 4.905 cabezas.

La cantidad de noviembre fue levemente superior a la del mes previo (25.614) y 4.100 más que en noviembre del año pasado.

En los 12 meses a noviembre se exportaron 418.765 vacunos en pie, de los que 370.289 (88,4% del total) se dirigieron a Turquía. El pico de exportación en pie en 12 meses móviles fue en el año cerrado en agosto con más de 480.000 cabezas.

En junio de este año se dio el mes de mayor volumen de animales exportados con más de 86.000 vacunos, de los cuales el mercado turco importó unas 76.000 cabezas, según Tardáguila Agromercados.

La fuerte devaluación de la lira turca frente al dólar impactó en la segunda mitad del año y llevó a que se concretaran menos negocios con Turquía. En los últimos meses eso se revirtió, pero ahora llega esta suspensión por tiempo indefinido.

En julio de este año, la Dirección de Estudios Agroeconómicos (DEA) de la Asociación Rural (ARU) hizo público un informe sobre esta alternativa de negocio, considerada una “válvula de escape” para el productor cuando los frigoríficos pagan menos por el ganado gordo.

El documento de la gremial explica que “en los últimos ocho años el stock bovino experimentó un crecimiento del 6%, unas 640.000 cabezas más”.

En julio de este año, la Dirección de Estudios Agroeconómicos (DEA) de la Asociación Rural (ARU) hizo público un informe sobre esta alternativa de negocio, considerada una “válvula de escape” para el productor cuando los frigoríficos pagan menos por el ganado gordo.

El documento de la gremial explica que “en los últimos ocho años el stock bovino experimentó un crecimiento del 6%, unas 640.000 cabezas más”.

Y sostiene que estas “mejoras productivas” no solo incrementan la cantidad de animales por hectárea, sino también “permite cambiar la composición del stock, con una mayor participación de animales más jóvenes”.

Además entienden que la demanda agregada de la exportación en pie “valoriza al ternero en relación con los demás productos generados por la cadena, permitiendo que el sector criador aumente su cuota parte de participación en el resultado final”.



Desde Brasil confirman freno en las compras de ganado en pie de Turquía

03 de enero de 2019

En Brasil también preocupa el freno de las compras de ganado en pie por parte de Turquía. Como para Uruguay, ese mercado es el principal destino de la exportación en pie de Brasil.

Eduardo Lund, consignatario de ganado de Rio Grande del Sur, confirmó a Tiempo de Cambio de radio Rural que Turquía frenó la importación desde todos sus países proveedores. Y que en Brasil esperan la reapertura del mercado a partir del segundo trimestre de este 2019.

Desde el lado de Uruguay, el freno de las compras impuesto por el gobierno turco, se suma una brecha de precios entre los terneros de Brasil y Uruguay que es cada vez más amplia. Un ternero con destino a exportación en Brasil se paga entre US\$ 1,30 y US\$ 1,40 por kilo, señaló Lund, muy por debajo de los US\$ 1,90 que se pagan en Uruguay. “Eso es lo que nos habilita entrar a un mercado como Egipto, que es más difícil para Uruguay”, explicó, teniendo en cuenta que ese mercado paga menos que Turquía por el ganado vivo.

Por segundo año consecutivo Rio Grande del Sur viene duplicando su volumen de ganado vivo exportado a Turquía. En 2016 los envíos a ese destino totalizaron aproximadamente 46.000 animales; saltaron a 85.000 en 2017. Y a 167.576 en 2018, señaló Lund.

Industria impulsa negocios de engorde para ganados enteros

02/01/2019 - Desde Aupcin se esperan mejoras económicas para los feedlots locales.

El 2019 comienza con una mayor competencia de la industria frigorífica por el ganado gordo. Según el presidente de la Asociación Uruguaya de Producción de Carne Intensiva Natural (Aupcin), Álvaro Ferrés, hay “varios frigoríficos proponiendo negocios de engorde de bovinos enteros, cosa que antes no sucedía”, abriendo un camino bastante inusual para el negocio cárnico local.

Esos negocios de engorde de animales enteros, competirán fuertemente con la exportación de ganado en pie, donde Uruguay tiene entre sus mercados países de religión musulmana que compran terneros enteros.

“Se abre una oportunidad de negocios muy interesante para los productores ganaderos. Los frigoríficos ya la están viendo como una salida para incrementar su faena (los animales enteros). Todas estas cosas hacen que 2019 sea un año que genere oportunidades”, más allá de los desafíos que tiene Uruguay en cuanto a su costos internos, alertó Ferrés.

Por el sólo hecho de ser un animal entero, ese ternero gana entre 400 y 500 gramos más cada día con la misma oferta de alimento. “Es una ventaja productiva muy importante que se da en varios países del mundo y que entendemos se puede aplicar perfectamente en Uruguay”, destacó el presidente de Aupcin al ser consultado por El País.

Por otro lado, desde esta asociación de productores que se especializó en la terminación y producción de carne intensiva en corrales de engorde (feed lot), se espera que este año puedan comenzar modificaciones en la faena.

“Estamos probando que faenar los ganados el mismo día que son cargados hacia frigorífico, abre una oportunidad de mejora para productores e industriales”, por menores mermas en las carcasas. Ferrés recordó que los trabajos que se están haciendo en conjunto con el Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria (INIA), así lo están demostrando y desde Aupcin se estima que la industria también aprovechará esta oportunidad.

Mejoras. A su vez, los corrales de engorde tienen la expectativa de enfrentar mejores precios en insumos básicos, como es el caso de los granos, con cultivos de invierno que tuvieron excelentes cosechas y rendimientos y granos de verano que fueron bien implantados y donde las lluvias están oficiando de riego, favoreciendo su desarrollo. Los granos son fundamentales en la ecuación de engorde, donde Uruguay no utiliza hormonas, antibióticos o promotores de crecimiento (están prohibidos por Ley). El ganado pasa un mínimo de 100 días en los corrales previo a la faena.

Otro signo alentador, según Ferrés, es que los frigoríficos “están proponiendo precios mejores por el ganado gordo hacia adelante frente a los que ofrecían en 2018”. El otro componente importante es el precio de la reposición y ahí los corrales enfrentan la incertidumbre de ver cómo se comportará.

También “hay que ver cómo juega su papel la exportación de ganado en pie, pues hay un corte temporal con Turquía —dejó de otorgar permisos de importación— y eso puede afectar la demanda. Por eso digo que 2019 tiene algunos componentes que nos hacen estar un poco más optimistas en cuanto a valores”. Pero los corrales de engorde también deberán ver cómo se comportan otros costos productivos, donde el peso del denominado costo país juega un rol importante para las empresas.



Cuota 481 se mantiene

02/01/2019 La cuota 481, el contingente para carne bovina de alta calidad destinado a la Unión Europea, cuyos ganados deben ser terminados a granos durante los últimos 100 días previos a la faena, continuará con su régimen actual.

No se registraron cambios antes de fines de 2018 y eso permite que el régimen actual continúe, por lo menos, hasta la próxima primavera, convirtiéndose en una buena noticia para los productores y frigoríficos. Es que Uruguay es uno de los principales abastecedores y Estados Unidos hace años que reclama este cupo, pues nació en el litigio de la carne con hormonas entre ese país y la Unión Europea. “Hay mucha demanda por ganados de feed lot y la próxima ventaja de carga (para la carne) es del 10 de febrero al 10 de marzo”, recordó Álvaro Ferrés, titular de Aupcin

China: carne uruguaya copó Internet

29/12/2018 Empresa Casti Beef incrementó 80% las ventas de cortes de alto valor en tan solo un año.

El consumo de carne bovina en China muestra señales de mayor demanda. La falta de cerdo que generó la aparición de la peste porcina africana -enfermedad que también castigó duro a países de la Unión Europea-, llevaron al gobierno de Xi Jinping a prohibir el trasiego de cerdo entre las distintas provincias y la carne bovina surge como la principal alternativa para los consumidores chinos. Hay poco cerdo y más caro en el mercado chino, así que para consumir proteínas, la carne bovina pasa a ser la estrella.

El broker uruguayo Daniel Castiglioni, radicado en China desde hace varios años, previó en diálogo con El País “un escenario de precios estables” para el año 2019, con “demanda firme y sostenible que parecería no va a caer”.

Según Castiglioni, “no hay tendencia a que aumenten los precios”, pero sí a que “se mantengan firmes y estables. Eso no es tan común en esta parte del año, cuando todo el mundo está esperando para ver qué pasará el próximo”, afirmó el broker uruguayo.

En el marco de ese escenario, las carnes uruguayas están muy bien posicionadas y conceptuadas a nivel de los consumidores de China y del mundo, porque la ganadería tiene prohibido por ley el uso de antibióticos y hormonas en las fases de crecimiento y engorde, pero además, porque las carnes se producen a cielo abierto, respetando el medio ambiente y el bienestar animal.

Canal Gris. Según contó Castiglioni, la mayor demanda está dada porque Hong Kong -el denominado canal gris por donde entra la carne sin origen- fue cerrado por el gobierno chino. “Prácticamente no accede a mercadería. Hong Kong está llena de mercadería, pero no está entrando carne a China por una decisión del gobierno de bloquear Hong Kong. La medida no es definitiva. Hay que ver qué pasa para adelante”, analizó el empresario.

A su vez, con el surgimiento de casos de peste porcina africana, China liquidó mucho stock de cerdo y los frigoríficos están apostando más a matar bovinos, precisan hacer producción para disminuir su capacidad ociosa.

Internet. Castiglioni comenzó con su proyecto de vender carne bovina uruguaya en la red internet en 2016 y desde ahí, sus ventas no han parado de crecer.

Los cortes de su empresa -Casti Beef- están enfrentando una elevada demanda, pero previo a disfrutar hoy de las ventas en crecimiento, hubo años de trabajo y sacrificio, porque primero hubo que imponer marca y hacer conocer el producto en un segmento de consumidores de elite que apuestan a la calidad.

“Las ventas tienen una tendencia creciente y 2018 está cerrando con un aumento de 80% frente a 2017”, afirmó el empresario a El País. Prefirió no manejar volúmenes, ni brindar detalles de mercado.

En China están muy arraigadas las ventas de productos a través de las redes sociales y el crecimiento, cada año, se mantiene firme.

“Cada vez hay más gente comprando, pese a que la competencia está más fuerte. Muchos países y cada vez más compañías se focalizaron en generar acuerdos con empresas gigantes chinas para tener condiciones más favorables al momento de vender”, dijo el director de Casti Beef. “La realidad es que todo el mundo se mete fuerte en el comercio electrónico”, agregó.

La empresa vende cortes de carne bovina de alta gama, como lo son bife ancho, bife angosto y lomos (los más valiosos de la res), siempre porcionados, envasados individualmente, con marca y con sello propio.

“Esos cortes se distribuyen en el segmento de elite, carne uruguaya de la más alta calidad con un público que busca la diferenciación y que está dispuesto a pagar otro precio por los atributos de la carne que ellos valoran”, explicó Castiglioni. El empresario uruguayo aseguró que no fue fácil su inserción en el mercado, porque primero hubo que armarlo, además de construir marca Uruguay y marca de producto.

“Construimos una imagen de marca basándonos en lo natural de la carne uruguaya y en sus beneficios. Hoy se abre camino en el mercado”, agregó.

Según la visión del broker, todavía “hay mucho potencial para continuar creciendo. El proyecto recién está madurando y cada vez capta más adeptos”.

“Es una marca uruguaya, manejada por Uruguayos que se trajo a China y que se sigue abriendo camino”, explicó el empresario.



El negocio comenzó en Pekín, ciudad que supera los 21 millones de habitantes y busca posicionarse en un público objetivo de 22 a 40 años de alto nivel económico, que están acostumbrados al roce del mundo occidental y buscan perfeccionar sus costumbres alimenticias, explicó Castiglioni. También hay demanda de otras ciudades vecinas, pero siempre con el mismo perfil de consumidor, que a su vez, es el que más dinero gasta en alimentos.

El principal mercado medido en volúmenes

Casi al cierre de 2018 China lleva importadas 236.737 toneladas de carne bovina por US\$ 693.099.000 y vuelve a posicionarse como el principal importador medido en volumen: 52% del mercado.

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) apostará en 2019 a la diferenciación de la carne en China a través de las redes sociales, aprovechando que existe una logística muy buena y bien aceiteada que Uruguay no puede desaprovechar. “Se trabajó durante 2017 en un relevamiento de hábitos del consumidor, en estudiar qué hace la competencia para posicionarse y a partir de ahí, diseñar una estrategia de posicionamiento”, adelantó el presidente del INAC, Federico Stanham.

Los hábitos de consumo en China son bien diferentes a los de otros destinos y las carnes uruguayas, tienen mucho espacio para crecer de la mano de la diferenciación

Récord histórico de importaciones de carne en 2018

03 de enero de 2019 Las importaciones tanto de carne vacuna como porcina de Uruguay alcanzaron un récord histórico al cierre del 2018, con un total de 51.884 toneladas peso embarque, 37% más que las 37.920 toneladas del 2017.

La carne importada que aparecía ocasionalmente en algún supermercado de la capital ahora llega a todo el país, la devaluación de Brasil y Argentina y la competitividad de Paraguay fueron las que generaron el incremento de volumen importado.

Al cierre de 2018 se importaron 15.432 toneladas de carne vacuna por un total de US\$-CIF 59 millones, más del doble que las 6.430 toneladas que se habían comprado el año pasado y el mayor volumen importado en la historia.

En todos los meses del año -excepto noviembre- las compras de carne vacuna superaron las del 2017. El pico se dio en agosto con 1.988 toneladas importadas y comenzó luego una tendencia de estabilización en el entorno de las 1.200 toneladas mensuales.

En diciembre las importaciones de carne vacuna se mantuvieron estables respecto a noviembre, pero casi el doble que en el mismo mes del 2017. En el último mes del 2018 se importaron 1.274 toneladas, frente a 1.232 de octubre y a 697 de diciembre del año anterior.

Pero la tendencia no es solo de carne vacuna, las importaciones de carne de cerdo crecieron aceleradamente este año y son mucho mayores. Al comenzar la década eran de 10.832 toneladas, el año pasado alcanzaron las 33.682 toneladas y este año las 37.519 toneladas.

La carne vacuna viene mayoritariamente de Brasil (86,7%), aunque también algo de Paraguay (12,7%) y de Argentina (0,6%) luego de 10 años de ausencia. En tanto en el caso del cerdo, las compras provienen de Brasil (94%), y aparecen España y Dinamarca (1% cada uno) aportando cortes de alto valor.

Lo que ingresa: en carne vacuna los principales cortes son del trasero deshuesados, como bola de lomo, nalga, cuadrada, bife angosto, bife ancho y colita de cuadril envasados al vacío. También cortes del delantero como paleta y aguja. En carne de cerdo predomina el carr

Mayor apuesta de las empresas uruguayas en feria Foodex 2019

23/12/2018 - Será en marzo y es la primera vez que Uruguay va con mercado operativo.

tras la apertura del mercado y esperando que para marzo estén llegando los primeros embarques de carne bovina madurada y desosada, el Instituto Nacional de Carnes (INAC), redoblará la apuesta a la feria japonesa Foodex 2019.

Es la mayor feria de alimentos, agricultura, carnes y derivados de Japón y se celebrará entre el 5 y el 8 de marzo de 2019. Desde el Instituto Nacional de Carnes se participará con una mayor presencia, mostrando las bondades de las carnes uruguayas, libres de hormonas, antibióticos y promotores de crecimiento, pero además producidas respetando el bienestar animal y el medio ambiente. Esos son atributos que los consumidores del primer mundo valoran y están dispuestos a pagar más por eso.

Los exportadores uruguayos ya participaron el año pasado para retomar la presencia con los importadores nipones tras 17 años de ausencia en el mercado, pues Japón dejó de comprar carnes en Uruguay, cuando surgió la epidemia de fiebre aftosa en 2.000. En ese entonces, la ganadería uruguaya era libre de fiebre aftosa sin vacunación y entraba con otros productos e incluso, con menudencias frescas como lenguas bovinas.

“Reservamos un espacio importante y pensamos que puede quedar chico. Seguramente para esa fecha ojalá estén llegando los primeros embarques”, dijo esperanzado el presidente del INAC, Federico Stanham.



Tradicionalmente el Instituto viene participando en varias ferias alimentarias que son estratégicas y que fueron cuidadosamente escogidas en conjunto con el sector privado, representado en su Junta Directiva (ganaderos, frigoríficos y Ejecutivo). Sin embargo, la cadena cárnica siempre trabajó en paralelo para impulsar un mejor posicionamiento y valorizar las carnes uruguayas y buscando acercarse mucho más al consumidor final. Para el actual titular del INAC, hubo años en que no se justificaba hacer ese trabajo adicional de marketing, más allá de penetrar en el mercado. “Es que antes del año 2000, Uruguay exportaba apenas el 50% o incluso menos, de la carne que producía”, reconoció Stanham. A su vez, la forma en que se exportaban los productos era bastante diferente a la actual. “Esto de exportar el 75% de la carne bovina que se produce tiene pocos años, pero llegó para quedarse”, aseguró el actual titular del INAC.

Tras la aftosa en 2001, donde se perdió al condición de país libre de la enfermedad pero sin vacunación, también se perdieron los mercados de alto valor del circuito no aftósico y el panorama comercial cambió. La meta, primero fue recuperar la sanidad, volver a ser país libre de fiebre aftosa con vacunación y recuperar mercados.

“En ese trabajo de recuperación de mercados hay varios años, que no son pocos, donde Estados Unidos era el principal destino. Le siguieron años donde Rusia fue el principal comprador y lo último es lo que conocemos, a partir de 2012, Rusia deja de ser el principal destino y es sustituido por China”, recordó Stanham.

Con una estabilización en los mercados y con una sanidad consolidada y reconocida, China es un comprador diferente y hoy se lleva el mayor volumen e incluso se puede entrar con cortes con hueso. “Por lo menos por unos cuantos años para adelante y parece muy poco probable que otro mercado pase a sustituir a China.

PARAGUAY

Sector cárnico quiere crecer hacia nuevos mercados de exportación

24/12/18 La producción y la industria cárnica de nuestro país cierran el año con resultados satisfactorios y con expectativas de ir creciendo el próximo año hacia nuevos mercados externos de la carne paraguaya. Tanto la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC) como la Asociación Rural del Paraguay (ARP) creen que el 2019 será mejor.

El año pasado, la exportación de productos y subproductos de origen animal generó el ingreso al país de US\$ 1.429 millones. En tanto que de enero a noviembre de este año, los envíos de esos rubros permitieron el ingreso de US\$ 1.267 millones.

El presidente de la CPC, Juan Carlos Pettengill, señaló ayer que más allá de los sobresaltos que significó el ingreso de contrabando de 180.000 kilos de carne bovina del Brasil, se culmina el 2018 satisfactoriamente.

Señaló que tienen en la mira cuatro mercados que quieren “atacar” en el 2019 para la proteína roja paraguaya. “Estamos con cuatro mercados que queremos atacar para el año que viene: Estados Unidos, Hong Kong (China), Singapur y Arabia Saudita. En Chile estamos en segundo lugar, detrás de Brasil, principalmente por la devaluación del real que le permite (al Brasil) ser muy competitivo en precio”, manifestó.

Valoró el trabajo conjunto que hacen con el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) y la ARP, para mejorar los mercados. “Creemos que es una asociación público privada muy exitosa, que le ha puesto al país como el séptimo mayor exportador de carne”, dijo.

Déficit en seguridad

Por su parte, el titular de la ARP, Luis Villasanti, también coincide en que el 2018 fue bueno para el sector y que pese al escándalo de los frigoríficos con el contrabando de carne, “hemos superado esa crisis todos juntos, la industria, el gobierno y hoy tenemos todos los mercados ganados, no cayó ningún mercado, pues para nosotros es muy importante que no se caigan estos mercados”, resaltó.

Reiteró el clima favorable que tuvo la ganadería, pero el déficit es la falta de seguridad. “Vemos que el problema de seguridad no se solucionó, siguen las invasiones, siguen las ejecuciones de estos clanes de asesinos”, expresó en referencia a recientes ataques hechos por el grupo marginal autodenominado Ejército del Pueblo Paraguayo (EPP).

Indicó que esos hechos violentos perjudican muchísimo a las inversiones y valoró el hecho de que por más temor que exista, se sigue invirtiendo en el país. “El año 2019 creo que va a ser mejor que el 2018. Creo que vamos a estar más posicionados, siempre y cuando superemos la parte de seguridad. Yo creo que vamos a tener un año venturoso. Pero hay que apretar más en seguridad”, reiteró y abogó por el respeto a las leyes y que los responsables de su aplicación actúen de acuerdo al imperio de las mismas.



UNIÓN EUROPEA

Se demoran negociaciones entre EEUU - UE y se extiende periodo sin cambios para la 481

03 de enero de 2019 Los negociadores de la Unión Europea y de EEUU no cumplieron con un plazo autoimpuesto en noviembre para avanzar en la eliminación de barreras no arancelarias, y se extiende el periodo sin cambios en el funcionamiento de la Cuota 481.

Este 9 de enero el representante de Comercio de EEUU, Robert Lighthizer, se reunirá con la Comisionada de Comercio de la UE, Cecilia Malmström, en Washington, para continuar las conversaciones, informó el Wall Street Journal.

Aunque todavía no hay cambios concretos en la cuota, "la UE está redoblando sus esfuerzos al acelerar las negociaciones para ayudar a los exportadores estadounidenses a obtener una porción más grande de la cuota de importación del bloque para carne sin hormonas", reportó el WSJ.

Autorizan a Francia a extender hasta marzo de 2020 la información en el etiquetado de los platos preparados sobre el origen de la carne que contienen

28/12/2018 La Unión Europea ha autorizado a Francia a continuar, hasta el 31 de marzo de 2020, el etiquetado del origen de la carne y la leche en platos preparados, según ha dado a conocer el Ministerio de Agricultura. Francia obtuvo en 2016 de la Comisión Europea el derecho a probar experimentalmente este método de etiquetado en Francia durante dos años, hasta el 31 de diciembre de 2018. Tanto los agricultores como las asociaciones de consumidores querían poder mantener el plan. más allá de esta fecha.

Con esta autorización, durante otros 15 meses, solo los productos procesados con 100% de carne francesa o 100% de leche francesa pueden llevar la etiqueta "Producto de origen francés". El etiquetado se ha renovado porque "este etiquetado cumple con las expectativas de los consumidores e interesados en los sectores agrícola y agroalimentario, ya que proporciona una garantía en términos de transparencia, calidad y conocimiento de los productos de consumo", según un comunicado del ministerio.

Francia ahora quiere ir más lejos en la armonización a nivel europeo. "Pido un debate más amplio sobre este tema, que llevaré a nivel europeo", dijo el ministro de Agricultura, Didier Guillaume, citado en el comunicado.

Según él, "una armonización europea del etiquetado del origen de los productos permitirá que cada consumidor europeo tenga información transparente que informe a sus opciones y que las partes interesadas en los sectores agrícola y agroalimentario actúen en un marco armonizado". Si bien Francia ha sido pionera en este ámbito, otros Estados miembros ya han implementado disposiciones similares.

ESTADOS UNIDOS

Balance de 2018 y perspectivas

Drovers January 3, 2019 Large supplies, record exports, and trade concerns are just a few of the topics that dominated the beef headlines in 2018. Amidst all of these factors, U.S. calf and yearling prices have showed relatively consistent strength throughout the year. 2019 will likely bring a mostly flat year for national herd growth which will position the industry at a pivotal point for supplies and prices moving forward. In this article, we'll dig a little deeper into a few key drivers to watch in 2019.

Cattle and Calf Supplies

Cattle and beef supplies have been growing since the price peak in 2014-2015 and this continues to be the primary headwind to higher prices. The 2018 U.S. calf crop was about 8.5% larger than it was in 2014 – that is nearly 3 million more calves on the ground. However, that growth has been slowing recently with 2019 expected to be close to flat for cow herd growth. It takes time for the expansion that has already occurred to work through the cattle and beef supply chain. The stage is already set for modestly larger calf and beef supplies in 2019. We can look to 2014-2015 as a mirrored example. 2014 was the low point for most of the cattle supply numbers (number of cows, calf crop, etc.), but 2015 was the lowest year of beef production.

Beef Production and Supplies

Beef production was over 13 percent higher in 2018 than in 2015. Current forecasts suggest an increase of just under 2 percent in 2019. Put it all together and that would be an approximately 15 percent increase in beef production in just four years. This would be the fastest four-year growth since 1973-1977. Following the cattle supply story, the increases are slowing. With respect to the cattle cycle, recent cowherd trends suggest 2020 could potentially mark the end of the current U.S. cattle inventory build-up. But it is worth noting that this is looking like a unique cattle cycle. History might suggest that after herd growth stops, herd declines will follow. But the ingredients for near-term herd declines are not obvious at this point. Prices



have mostly remained at or above profitable levels for cow-calf producers which does not provide much incentive for liquidation.

Beef Demand

While larger supplies will remain the biggest headwind to stronger prices in 2019, strong domestic and international demand for U.S. beef is continuing to provide price support. A strong domestic economy is supporting beef demand despite the larger supplies of beef and also larger supplies of other proteins chicken and pork. Domestic beef consumption per person in 2018 was about 57 pounds and is forecasted to grow slightly in 2019. Internationally, robust exports have supported the demand profile for beef and, therefore, cattle. Beef exports have risen by over 20 percent over the past 2 years which has helped absorb some of the beef production increases. More modest export growth is forecasted for 2019, but it is worth noting that the modest forecasts the past two years have been sharply exceeded.

Summary

The past few years have been a demand-driven environment where stronger-than-expected beef demand led to stronger-than-expected calf and yearling prices. These have been important transition years that coped with the sharp supply increases. Looking ahead, slower herd growth numbers begin to paint a brighter price picture for 2019 and 2020 if domestic demand and exports continue to grow.

Prevén precios y rentabilidad de la ganadería en 2019

Drovers January 2, 2019 As the livestock economist for Extension at the University of Tennessee, opportunities to forecast cattle prices are never in short supply. Thus, there is always a demand for high quality and accurate cattle price projections. The primary problem is with the supply side, and the problem is that the price forecast changes from one day to the next and even more so from week-to-week or month-to-month.

Given that this article is often written a couple of weeks before it is published, any and all cattle price projections may be of little use by the time it reaches the mailbox or the inbox. However, cattle prices are not the only factor impacting profitability. It may also be beneficial to discuss the 2019 University of Tennessee Extension beef cattle budget and expected costs.

Given the variability and seasonal trends of cattle prices throughout the year, it is necessary to supply an expected annual average cattle price based on given heifer, steer and slaughter cow weights. Based on the 2019 budget, slaughter cows (1,200 pounds) are expected to average \$50 per hundredweight, while 550 pounds steers and 520 heifers are expected to average \$145 and \$130 per hundredweight respectively. Assuming the calving rate is 90 percent and a 2 percent death loss for cows and calves then the expected revenue per cow exposed to the bull is \$623 per cow. Revenue will vary based on weight of animals when sold and the time of year those animals are sold.

Total projected variable expenses in the 2019 cow-calf budget are \$556 per cow not including labor and land costs which would leave a producer with a return to variable expenses of \$67 per cow. The primary costs are pasture and hay which are estimated at \$241 and \$168 per cow respectively. Veterinary and medicine costs as well as salt and mineral costs are each estimated at \$32 per cow while supplemental feed, interest, and marketing costs make up the remaining variable expenses. It is likely the addition of land rent and labor costs would result in a negative return to variable expenses for most operations.

Fixed expenses such as depreciation, interest, insurance, taxes, and repairs on equipment, buildings, and machinery also need to be considered. However, most producers do not consider costs such as depreciation and interest if they do not experience out of pocket costs in a year. Fixed expenses are highly variable across operations as are variable expenses. Given the 2019 budget estimation, fixed expenses for a 50 cow herd are estimated at \$342 per cow resulting in a total cost per cow of \$898 resulting in an economic loss of \$275 per head.

The costs assumed in the budget are not likely to fit any operation perfectly, but they do provide a starting point. An operation's cost structure has a greater influence on differences in profitability among producers than do prices received. This means producers should be evaluating methods of trimming costs that do not negatively impact production and thus revenue or trimming costs that have a greater cost saving benefit than the revenue reduction from the practice. For readers who would like to customize a budget, please visit the following website where the Excel version can be downloaded and edited <https://ag.tennessee.edu/arec/Pages/budgets.aspx>.

2019 Price Projections: Using 500 to 600 pound steers in Tennessee, the first quarter will likely have the highest quarterly average price with prices ranging from \$150 to \$162 per hundredweight with prices slowly increasing throughout the quarter. The second quarter price range projection is from \$147 to \$157 per hundredweight with prices slowly softening after April. Prices will come under increased pressure in the third quarter with prices ranging from \$142 to \$152 with September prices showing a willingness to collapse. Prices in the fourth quarter will continue to struggle in October and November before finding a slight toe hold in December.



Yearling cattle prices are expected to start 2019 off on the soft side which is how they finished 2018. Yearling cattle prices (750-850 lb) are expected to find footing though and be stable throughout the year with the strongest prices in the third quarter (\$144 to \$154). Prices on either side of the third quarter are expected to be lower, but large price swings are not expected. As a final thought, when all is said and done, a lot more is said than done!

Marco internacional: acuerdos y futuros desafíos

Drovers January 3, 2019 I caught up with former USDA Sec. Mike Johanns recently by phone to discuss his outlook for U.S. trade opportunities in 2019. Here is his candid feedback to four of the questions I posed to him. --Rhonda Brooks

1) What can farmers expect to happen with exports once the trade tariffs with China are removed? I believe the first thing we'll experience is a psychological boost followed by soybean price improvement. But then reality will set in with regard to the soybean arena. We had a remarkable crop in 2018, and we're at a historic carry-out level—USDA says 955 million bushels. It's going to take some time to work through those bushels, even with strong markets.

Once the trade barriers are removed, I believe we'll also see a significant boost in pork exports to China, which would really benefit our producers. The other thing I would say is that even with the tariffs removed, it will take some time to regain trust between the U.S. and China and to fully reestablish these markets.

2) What's your perspective on our new trade agreement with Canada and Mexico? Right now, we're working to finalize the details for the U.S.-Mexico-Canada (USMCA) trade agreement, and we still need Congressional approval. I see three huge benefits to U.S. agriculture with this agreement:

First, we do just under \$40 billion in agricultural trade with Canada and Mexico, so it's very important to preserving our trade with both countries. Second, the agreement calls for a science-based framework for food safety issues, and that's important to all three countries. Third, the agreement calls for a review of gene editing technologies, so they're used in a more standardized way. That's positive for the U.S., because it's been difficult to get those technologies approved.

3) What trade priorities do you believe the U.S. should have, moving forward, with countries other than China, Canada and Mexico? First of all, I wouldn't ignore any market that could be important for a given crop. It's not that I would focus on those markets primarily, but I believe we have to continually look for even small opportunities and take advantage of them.

I believe Japan has the potential to be a better market for the U.S. than it has been historically. Though it's improving, Japan still has high tariffs on a number of products, but I think the effort to try and build a better trade relationship with Japan is really the right thing to do.

I believe the European Union (EU) falls into that category, too. There are issues related to genetically modified products to resolve with them, but I don't feel we can give up on the EU. The EU historically has been an ally to the U.S., and we need to continue working to open market opportunities in those countries.

There are also good opportunities in Africa, in countries such as South Africa, which has a strong economy, and in Ghana. Certainly, there's still a lot of poverty in those countries, but there's also a growing middle class that wants more protein in their diets.

The one other country I want to mention is India, which has a very large population that will overcome the size of China's population before long. India represents an excellent opportunity for trade, though we will need to be both patient and determined to build good relationships with its government.

4) In closing, is there anything else you would want to share with American farmers? Trade is so important to the U.S. For instance, we exported roughly 2.63 billion pounds of beef in 2018, up 12.3% from 2017. In 2017, roughly 17% of our corn production was exported to more than 80 different countries. U.S. pork and pork variety meat exports totaled 5.399 billion pounds valued at \$6.486 billion, up 6% and 9% respectively from 2016. Looking at these numbers is so compelling; they drive home that we have to stay focused on our trade opportunities.

CHINA: pese a que está prohibido, existe carne de origen japonés en el mercado

TheCattleSite News Desk 02 January 2019 JAPAN - Beef from Japan appears to have been in distribution in large quantities in China although Beijing banned imports of the Japanese produce nearly two decades ago.

According to Jiji Press, people familiar with the matter say that Cambodia could be behind the odd phenomenon.

No Japanese beef had been exported to Cambodia until 2009. But the Southeast Asian nation was the second-biggest importer in 2017, accounting for one-fifth of the total Japanese beef exports that year.

Due to the import embargo, Cambodia is used as a back route for Japanese beef to China, where the Japanese produce is very popular, informed sources say.



The ban was introduced in the wake of the 2001 outbreak of brain-wasting mad cow disease, formally called bovine spongiform encephalopathy, or BSE, in Japan, and has been in place since then.

EMPRESARIAS

Marfrig concluyó el proceso de compra de la argentina Quickfood

03 de enero de 2019 Marfrig Global Foods concluyó este miércoles el proceso de adquisición del 91,89% del capital de la argentina Quickfood, hasta entonces controlada por la brasileña BRF.

La empresa opera tres fábricas, que juntas tienen capacidad de producir cerca de 6.000 toneladas mensuales de productos procesados. Quickfood también es dueña de algunas de las marcas más reconocidas del mercado argentino, como la Paty, de hamburguesas, y la Vienísima, líder en el segmento de salchichas.

La transacción fue por un monto de US\$ 60 millones